



**Entre malhas, sapatilhas e corpos esguios: outras leituras sobre
as masculinidades do *ballet* clássico em Rio Grande/ RS¹**

Rodrigo Lemos Soares²

Orientador - Universidade Federal Do Rio Grande

Andressa Soares De Ávila³

Universidade Federal Do Rio Grande

Danielle Soares Jesus⁴

Universidade Federal Do Rio Grande

Eliel Bandeira

Universidade Federal Do Rio Grande

Flaviana Custódio Silvino⁵

Universidade Federal Do Rio Grande)

Josiane Vian Domingues

Universidade Federal Do Rio Grande

Juliana Carvalho Cabral⁶

Universidade Federal Do Rio Grande

Lucas Pedroso Xavier⁷

Universidade Federal Do Rio Grande

Tamara Lemos Da Rosa⁸

Anhanguera Educacional – Rio Grande

¹ Este título foi pensado, a partir de outro trabalho do qual o orientador Rodrigo Lemos Soares escreveu a algum tempo em parceria com Eliel Bandeira e Josiane Vian Domingues, ambos discentes do curso de Educação Física – licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande.

² Professor de Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Mestre em Educação em Ciências pelo Programa de Pós-graduação Educação em Ciências: química da vida e saúde em associação ampla entre FURG - UFRGS - UFSM, na linha de pesquisa: Educação científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos; Especialista em Educação Física Escolar pela Pós-graduação em Educação Física escolar do Instituto de Educação FURG; Aluno/ pesquisador do Observatório de Políticas Públicas da Cultura Corporal (OCUCO FURG) e também, do grupo de pesquisas Sexualidade e Escola (GESE FURG). Mestrando em História pelo Programa de Pós-graduação Profissional em História da FURG, na linha de pesquisa Campos e Linguagens da História.

³ Graduanda do curso de Pedagogia (noturno) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Bolsista voluntária do Centro Regional de Estudos, Prevenção e Recuperação de Dependentes Químicos (CENPRE – FURG).

⁴ Graduanda em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Graduanda em Artes Visuais (FURG); Bolsista do Programa do Programa de Iniciação a Docência (PIBID – ARTES – FURG).

⁵ Graduanda do curso de Educação Física – licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Bolsista do Projeto de Danças Populares brasileiras pelo Instituto de Educação (IE – FURG).

⁶ Graduanda em Administração; Graduanda do curso de Educação Física – licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande; Bolsista do Projeto Ginásticas para comunidade pelo Instituto de Educação (IE – FURG).

⁷ Graduado em Fisioterapia pela Anhanguera Educacional do Rio Grande; Graduando do curso de Educação Física – licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande; Bolsista do Observatório da Cultura Corporal (OCUCO – FURG).

⁸ Graduanda do curso de Psicologia pela Anhanguera Educacional do Rio Grande; Bolsista do setor de Recursos Humanos da Superintendência do Porto do Rio Grande/ RS.



Resumo: Com essa escrita temos o objetivo de analisar como os sujeitos produzem as suas masculinidades a partir do ballet clássico. Esse interesse surgiu, pois durante muito tempo essa dança foi uma manifestação cultural realizada quase que exclusivamente por homens e com o passar do tempo essa concepção mudou, tanto que o ballet passou a ser caracterizado como uma dança feminina, por todas as atribuições vinculadas a elas. Por conta disso muitos bailarinos carregam o estigma de homossexuais por praticarem ballet clássico e isso acaba fazendo com que, muitas vezes, tais sujeitos inibam-se ao praticar tal dança.

Palavras-chave: ballet clássico; masculinidades; manifestações culturais

Aquecendo e alongando...

Com a escrita que se segue temos o objetivo de analisar de que maneira são produzidas as masculinidades a partir do *ballet* clássico na cidade do Rio Grande, no Rio Grande do Sul utilizando-nos de relatos de bailarinos de uma academia de dança da cidade. Buscamos outras narrativas, a fim de olharmos os comportamentos atuais de bailarinos com relação a este gênero de dança. Mantivemos como aporte teórico a vertente pós-estruturalista dos Estudos Culturais, visto que esses podem ser compreendidos como sendo uma perspectiva teórica que, de acordo Nelson, Treichler e Grossberg (2005), pode ser entendida como, “[...] interdisciplinar, transdisciplinar e algumas vezes contra disciplinar, rejeitam a equação exclusiva de cultura e argumentam que todas as formas de produção cultural precisam ser estudadas em relação a outras práticas culturais” (p. 13).

Diferentemente de outras formas de investigação, os Estudos Culturais vêm mostrando que há uma gama de culturas e essas precisam ser investigadas, considerando fundamentalmente as suas particularidades. Nesse sentido, os Estudos Culturais estão comprometidos com as análises relacionadas às artes, às crenças, aos discursos contidos nos diferentes tipos de linguagem que perpassam a sociedade, em suma, tem privilegiado aquelas manifestações culturais que vão de encontro com as concepções tradicionais da cultura. Como instrumento para produção de dados realizamos entrevistas semiestruturadas. Contamos com a participação de três bailarinos que estão inseridos em uma academia de dança da cidade do Rio Grande/ RS.



Das cochias às vidas: as masculinidades e o *ballet* clássico

A produção de masculinidades pode ser reconhecida, como coloca Scott (1995), não somente a partir dos atributos sexuais dos sujeitos, mas também considerando determinantes sócio-culturais nas quais os homens são inseridos. Assim, a concepção de masculinidade que estamos assumindo para esse estudo é aquela na qual os homens são reconhecidos dentro dos inúmeros espaços que estão inseridos e, para que isso ocorra, primeiramente, é preciso localizar o tempo e o espaço no qual eles estão circulando, isso porque as masculinidades são construídas socialmente e historicamente, variando de uma cultura para outra. Neste sentido, é possível afirmar que há uma pedagogia cultural⁹ agenciada pela família, pelos amigos, pela escola, pela igreja e pela mídia que produz as masculinidades dos homens.

Os homens, para produzir as suas masculinidades, investem sobre si, seja para se adequar ao modelo reconhecido como verdade e considerado como correto ou ao contrário, para se constituírem masculinos de uma maneira que a sociedade ainda não legitimou. Nesse contexto, alguns homens dançam o *ballet* clássico como forma de auxiliar na construção das suas masculinidades. Esse estilo de dança surgiu durante o período renascentista como uma forma de dar uma nova roupagem a dança, ou seja, o que na Idade Média foi proibido, a partir desse período começa a ser investido como uma forma de manifestação cultural e artística.

Vargas (2007) afirma que primeiramente o *ballet* era praticado nas cortes como forma de entretenimento para os reis franceses. Mais tarde, esse estilo de dança foi levado para a toda a Europa e logo em seguida ultrapassou os limites dos reinos e foi sendo oferecido para o público como forma de espetáculo. Era um estilo de dança caracterizado como masculino, sendo que o primeiro espetáculo realizado apenas por bailarinas mulheres foi em 1681, chamado "*Triomphe de L'Amour*".

⁹ Para Silva (2005, p. 139) "tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também tem uma 'pedagogia', também ensinam alguma coisa".



Para a mesma autora, a partir de 1727, com Jean Georges Noverre, o *ballet* começou a ter uma nova roupagem, no sentido de que começou a ter um aperfeiçoamento da técnica, da expressão corporal e a ter uma maior sensibilidade para atrair mais ainda o público. A proposta realizada por Noverre tinha um novo sentido, daria uma nova roupagem a dança naquela época, relacionando a técnica com a expressividade dos bailarinos. Esse novo estilo mostraria e ressaltaria o corpo dos bailarinos, sem aquelas roupas pesadas, perucas, mas sim uma maior valorização do movimento, da performance corporal do artista.

Em cenas: masculinidades produzidas, questionadas e simbolizadas...

A primeira temática na qual abordamos na pesquisa foi sobre corpo: o que é corpo para os bailarinos entrevistados, isso porque é a partir do corpo que a dança é expressa. Assim, corpo, em um primeiro momento pode ser reconhecido como pura e simplesmente uma estrutura biológica, repleta por vísceras e ossos, nas quais se definem homem e mulher a partir da genitália apresentada, no entanto, com os estudos realizados por Goellner (2005) podemos perceber que o corpo não se limita a essa estrutura material, mas sim como construído na e pela cultura na qual está inserido.

R., ao ser questionado afirma que para ele corpo é

Em um primeiro momento é o que me coloca no mundo de forma simplificada, depois a forma como se vê o corpo através de cultura, que determina a questão de masculino e feminino pela concepção biológica. No entanto pra mim o corpo tem sentido pelo que eu faço com ele no caso da pesquisa a dança ele é masculino ele é feminino ao mesmo tempo. Eu exploro o meu corpo da forma mais variada possível através do que a musica pede, e o que as coreografias também.

Para R, primeiramente o corpo é reconhecido como algo biologicamente construído, entretanto, é a partir do que ele faz que o corpo passa a ter sentido para ele enquanto sujeito. Em outras palavras, o corpo é construído também pelos espaços nas quais ele está inserido. Nesse sentido Goellner (2005, p. 29) nos coloca que, “[...] o corpo não é apenas corpo [...] é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem”. Nesse sentido, as palavras de Goellner (2005) nos faz pensar na relação entre corpo e cultura, ou seja,



o corpo é constituído por todos os espaços que transitam e pelos artefatos que os atravessam.

Ao serem questionados sobre a relação entre corpo e produção de masculinidades, alguns bailarinos ressaltaram que existe sim uma relação entre o corpo e a masculinidade e que esta é manifestada a partir da forma como cuida, apresenta o seu corpo, ou seja, é a partir do corpo que estão expressas as maneiras de se constituírem sujeitos masculinos. Isso pode ser expresso na fala de A.

Humm.. O masculino é visual por isso ele tem essa preocupação com a estética do corpo.

Mesmo reconhecendo que os corpos são constituídos a partir dos espaços culturais nas quais estão inseridos, alguns bailarinos que participaram desse estudo ainda reconhecem que a produção de masculinidade não apresenta ligação com o corpo, exceto pela questão biológica. Dentre os relatos apresentamos as ideias de K:

K: Nascer homem já faz ter um certo tipo de corpo, andar de um jeito e educar o teu corpo a ser homem ou a ser masculino. Não que eu siga isso porque eu não sigo, pra mim é somente o fator biológico o que me diferencia de uma mulher. É o meu órgão genital.

Sobre a produção de masculinidades, levando em consideração o modelo que considera apenas as características biológicas enquanto constituintes dos gêneros dos sujeitos, Korin (2001) afirma que o modelo que é colocado como “normal” para a produção de masculinidades é aquele que é reconhecido como natural, mesmo que o autor considere que não exista uma masculinidade, mas sim um processo plural.

Quando questionados sobre a vinda para o *ballet* clássico, diferentes posicionamentos surgiram, alguns foram em busca da técnica, enquanto outros atraídos pela música. R, que dança há nove anos afirma que participa do *ballet* pela música. Nas palavras dele:

Na verdade eu comecei dançando axé, o que é totalmente oposto, mas eu via aquela calma da musica do ballet, e aquilo fazia eu viajar e tal, e eu via as aulas dos outros e aquilo foi me chamando daqui a pouco eu estava no ballet, mas a principio foi a musica.

Já para A. que dança a vinte e quatro anos o *ballet* surgiu em sua vida por conta da técnica envolvida em tal dança:

A. Não foi exatamente o ballet clássico, mas eu busquei uma técnica pura, porque a partir do momento que aprendes em uma técnica pura tu tem a capacidade de aprender outras técnicas.



Fux (1983) ao dissertar sobre a técnica no *ballet*, afirma que a mesma está envolvida em um processo progressivo, ou seja, é como se experencia a vida, em um processo constante e evolutivo. As técnicas no *ballet* seguem uma seqüência, mas não apresentam um fim em si mesma, mas sim no conjunto como um todo.

As técnicas no *ballet* clássico, ao contrário do que comumente é pensado, envolve bastante força corporal, atributo tradicionalmente direcionado aos corpos masculinos e que mesmo assim existe, por vezes uma não aceitação desse estilo clássico, fazendo com que os bailarinos carreguem o estigma de homossexuais, assim sendo levados a lidar com preconceitos da sociedade. Acerca disso, todos os participantes afirmam que já passaram por situações que os constrangessem. Dessas, destacamos dois relatos:

K: Muito, de amigos, da família, nossa! Muito mesmo, mas como disse eu gosto de “chocar”, nunca dei ouvidos pra isso.

R: Claro, isso se tem sempre, mas eu acho que está muito envolvido com a tua atitude sabe, tens que ter orgulho de falar, porque tipo, se tu falar “ah eu danço ballet clássico” é uma coisa, agora se tu diz “EU DANÇO BALLET CLÁSSICO” é outra. Tu já põe algum respeito por aquilo que tu faz e eu acho que é isso que ta faltando.

As questões relacionadas com o preconceito e os bailarinos luta constante dos bailarinos contra o preconceito vem de tempos atrás, desde o momento que o *ballet* tornou a ser uma dança feminina. O pré-julgamento afeta não somente a vida externa do bailarino que recebe o rótulo de homossexual, mas sim na própria consciência, já que a sociedade coloca algumas normas para o comportamento masculino e estes, ao praticarem tal dança, se encontram fora desses padrões essencializados. Contudo, podemos ver que o preconceito depende muito da pessoa com quem o lida, alguns bailarinos ignoram, outros se incomodam, porém, não nega que este conflito ainda está bem vivo nos dias atuais.

Coreografando Estórias e Histórias...

Mesmo sabendo que os corpos, bem como as masculinidades são processos que não devem ser reconhecidos apenas pelos seus atributos biológicos, mas sim construídos em um constante ir e vir, alguns dos bailarinos ainda acredita que existe



uma maneira que deve viver as masculinidades e que essas somente estão ligadas ao corpo por conta das suas genitálias. Isso se deve ao fato de que, ao longo dos anos foram sendo constituídos alguns discursos que envolvem a produção das masculinidades e que essas estão atreladas a um determinismo biológico e que esse direciona atividades que os homens devem executar. Ao praticarem o *ballet* clássico, dança culturalmente reconhecida pela sua leveza, desenvoltura, graciosidade, os homens estão pondo em “risco” a masculinidade essencializada pela sociedade e acabam sendo alvo de zombarias, preconceitos.

Além disso, o que deve ser levado em consideração para a produção de masculinidades no *ballet* clássico é que o gênero é construído sócio-histórico-culturalmente, em outras palavras, não existe uma verdade única e absoluta sobre a produção de masculinidades, o que deve ser fator determinante são os espaços nas quais os sujeitos estão inseridos.

Referências

FUX, M. *Dança experiência de vida*: São Paulo: Summus, 1983.

GOELLNER, S. V. *A produção cultural do corpo*. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.;

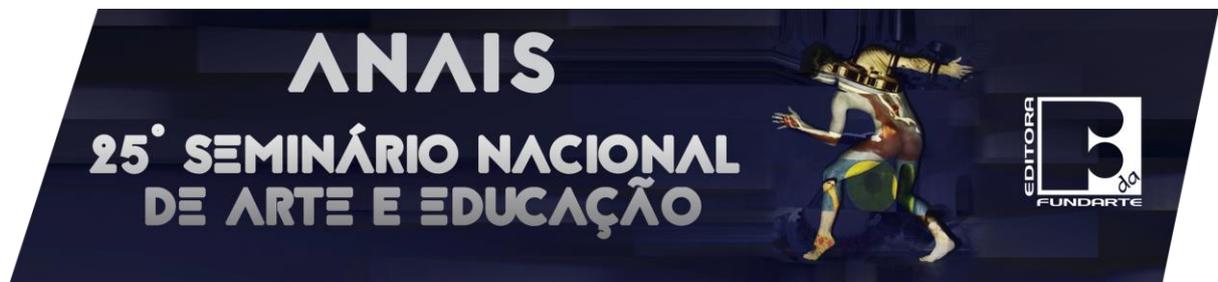
GOELLNER, S. V. *Corpo, Gênero e Sexualidade*: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

KORIN, D. *Novas perspectivas de gênero em saúde*. *Adolesc. Latinoam.* mar. 2001, vol.2, no.2, pp.67-79.

NELSON, C.; TREICHLER, P.; GROSSBERG, L. *Estudos Culturais: uma introdução*. In: SILVA, T. T. *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: vozes, 2005.

SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: *Educação e Realidade: Gênero e educação*. Porto Alegre: UFRGS, jul/ dez 1995

SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autentica, 2005.



VARGAS, L. A. M. *Escola em dança: movimento, expressão e arte*. Porto Alegre: Mediação, 2007.